

# ESTIGMA EM RELAÇÃO À AIDS

Pensar Fora da Caixa: o Desafio Teológico

GILLIAN PATERSON



Para as igrejas, a contribuição mais poderosa que podemos oferecer ao combate da transmissão do HIV é a erradicação do estigma e da discriminação... Dada a extrema urgência da situação e a convicção de que as igrejas realmente têm um papel específico a jogar na resposta à epidemia, o que é necessário é um repensar da nossa missão e a transformação de nossas estruturas e formas de trabalho.

*A Resposta Ecumênica ao HIV/AIDS na África,  
Conselho Mundial de Igrejas 2001*

## ÍNDICE DE CONTEÚDO

Contexto .....	1
Preâmbulo: uma experiência inquietante .....	1
1 ] A Igreja, o mundo e a missão cristã .....	2
2 ] O que é estigma? .....	3
3 ] Então, que tipo de questão é o estigma? .....	5
4 ] Em busca de um método teológico .....	6
5 ] Estigma e tabu .....	7
6 ] O corpo como tabu .....	9
7 ] A fala através das divisões culturais .....	10
8 ] O que é o pecado? .....	11
9 ] Uma brecha política e moral .....	12
10 ] À caminho de uma nova Criação .....	13
Notas, idéias e perguntas .....	15
Livros e artigos mencionados no texto .....	16



**Ecumenical Advocacy  
Alliance**

Aliança Ecumênica Mundial  
Route de Ferney, 150  
Caixa Postal 2100  
CH-1211 Genebra 2  
Suíça  
Tel: 41 22791 6723  
Correio eletrônico: [info@e-alliance.ch](mailto:info@e-alliance.ch)  
[www.e-alliance.ch](http://www.e-alliance.ch)



Conselho Mundial de Igrejas  
Route de Ferney, 150  
Caixa Postal 2100  
CH-1211 Genebra 2  
Suíça  
Tel: 41 22791 6111  
Correio eletrônico: [info@wcc-coe.org](mailto:info@wcc-coe.org)  
[www.wcc-coe.org](http://www.wcc-coe.org)

Fotografia de capa: Conferência Internacional sobre AIDS 2004 em Bangkok  
Foto de Paul Jeffrey / Aliança Ecumênica Mundial

Fotografia de verso: Dia Mundial da AIDS 2005 – Culto ecumênico em Genebra, Suíça  
Foto de Jędrzej Chelminski / Aliança Ecumênica Mundial

Publicado pela Aliança Ecumênica Mundial e pelo Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra, Suíça,  
2005

## Contexto

*Em novembro de 2001, o Conselho Mundial de Igrejas convocou um encontro de líderes de igrejas africanas em Nairobi, para redigir um plano ecumênico de ação em resposta à epidemia de AIDS. Foi unanimemente acordado nesse encontro que, para as igrejas, a erradicação do estigma relacionado ao HIV e à AIDS deve ser uma prioridade: uma resolução que foi desde então endossada, regionalmente e internacionalmente, por diferentes denominações religiosas. O próprio plano de ação deu à luz a uma variedade de iniciativas internacionais, incluindo a Iniciativa Ecumênica do Conselho sobre HIV e AIDS na África; um seminário de teólogos sobre Estigma em relação à AIDS patrocinado pela ONU-AIDS na Namíbia em 2003; o programa ecumênico e inter-religioso da Aliança Ecumênica Mundial para a Conferência Internacional sobre AIDS em Bangkok, 2004; e o foco temático sobre HIV e AIDS na Assembléia do CMI no Brasil em 2006. Este artigo é uma reflexão sobre alguns dos desafios encontrados, em relação a HIV e AIDS, pelas igrejas e cristãos que estão se debatendo com as implicações teológicas de seus interesses para eliminar o estigma.*

O silêncio mata, o estigma mata. Não devemos querer que os que vivem com HIV sejam o equivalente moderno do leproso bíblico que teve que carregar uma sineta e um cartaz dizendo, “sou impuro”.

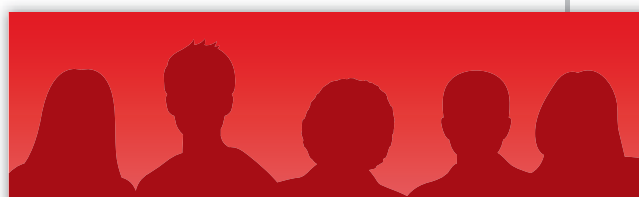
*Arcebispo Desmond Tutu, Julho de 2004*

## Preâmbulo: uma experiência inquietante

Na Conferência Internacional sobre AIDS em Bangkok, as religiões tiveram um perfil muito mais alto do que em conferências internacionais anteriores. Algum progresso foi feito. Porém, mesmo assim, as organizações religiosas se consideraram castigadas, e durante as sessões finais tiveram que escutar palavras que lhes foram atribuídas, tais como ‘rígida’, ‘jurássica’, ‘julgadora’, ‘patriarcal’ e ‘exclusiva’. Como Nelson Mandela disse, nenhuma instituição terá sucesso para enfrentar os desafios desta epidemia até que aprenda a ‘pensar fora da caixa’.

Não preciso convencer o leitor de que o estigma em relação à AIDS é um problema: se você estiver lendo este artigo, é porque você já sabe disso. O desafio agora é romper o silêncio que muitas vezes nos rodeia. O estigma está incorporado na identidade das pessoas ao nível mais profundo. Estigmatizados e estigmatizadores: ambos grupos são cúmplices do que James Alison (embora não no contexto da AIDS) descreve como ‘o profundo “não ser” que a voz social e eclesial nos fala’ (Alison 2001). Isto torna a experiência de ‘pensar fora da caixa’ tão inquietante quanto ao que ela está potencialmente libertando.

Este artigo é fruto de dez anos de conversações, correspondências, pesquisas, reuniões, ensaios, estudos e leituras sobre o estigma em relação à AIDS. Seu objetivo é sugerir algumas possíveis abordagens para instituições cristãs que estão responsáveis pelo desenvolvimento de metodologias com perspectiva teológica em relação a estigmatização e discriminação experimentada por pessoas que vivem ou que estão afetadas pelo vírus HIV ou pela AIDS. O artigo não pretende negar a natureza subjetiva da experiência de estigmatização, nem o fato de que existem outras



**EXPERIÊNCIA**

Um ponto de partida para a reflexão é a experiência do estigma em relação à AIDS contada por aqueles que o viveram. O estigma não é um conceito teórico. Ao contrário, é uma experiência altamente subjetiva (tanto para estigmatizadores como para estigmatizados), que toca em profundas emoções e está gravada na identidade das pessoas aos níveis mais profundos. É através da experiência de indivíduos, grupos e instituições que podemos dar os primeiros passos para entender o problema e buscar por soluções.

formas possíveis de abordar este tema específico. Mas ao colocar a teoria à serviço da práxis, culto e reflexão teológica, se almeja contribuir para uma compreensão mais ampla do fenômeno do estigma e seus desafios, e sugerir uma base, e um possível marco, para maior reflexão teológica, ética e eclesiológica.

Para fazer isto, o artigo sugere dez ângulos possíveis de ver o estigma e os seus efeitos, cada um sugerindo uma forma teológica, filosófica, moral ou eclesiológica de pensar o estigma em relação à AIDS. Os quadros deste artigo oferecem algumas breves sugestões para a reflexão pessoal ou em grupo. Entretanto, deveria ser também mencionado que todo este exercício é temporário. A verdadeira esperança é de que aqueles que lerem este artigo sejam inspirados a contribuir com o seu próprio pensamento e visão ao processo contínuo de abordar as questões teológicas levantadas pela estigmatização daqueles que vivem ou estão afetado pelo vírus HIV ou pela AIDS, e a desenvolver marcos de reflexão que contribuam para o processo inquietante, porém libertador, de ‘pensar fora da caixa’.

## 1 ] A Igreja, o mundo e a missão cristã

A história da resposta das igrejas à AIDS tem sido um processo gradual de mover-se ‘fora da caixa.’ Ela reflete os giros que aconteceram no pensamento missiológico na metade do século passado. Poderíamos definir isto em três fases. A fase 1 começou quando a epidemia primeiramente saiu das sombras. Muitas igrejas, em particular (mas não só) na África, responderam com imensa compaixão ao abrir os seus hospitais de missão a pacientes que outros hospitais rejeitaram, ao adaptar programas comunitários de atenção à saúde, ou ao encontrar formas de assistir à crianças órfãs e seus responsáveis. Neste caso, o ‘modelo’ ou ‘paradigma’ da missão foi ‘a Igreja’ saindo para ‘o Mundo’ para curar e salvar: ‘Igreja’ e ‘Mundo’ sendo amplamente vistos como espaços separados de atividade.

A fase 2 viu ‘o Mundo’ invadir ‘a Igreja’, e ‘a Igreja’ resistindo para aceitar a realidade. Houve um despertar assustador de que os próprios Cristãos (mesmo o clero cristão) não estavam imunes à infecção, e que as igrejas estavam sendo forçadas a reconhecerem de que elas, também, estavam profundamente afetadas pelo HIV ou AIDS. O slogan que melhor caracteriza esta fase é a afirmação de que ‘o Corpo de Cristo tem AIDS.’

A fase 3 foi iniciada com o atual enfoque sobre a erradicação do estigma. Documentos como a declaração de Nairobi (CMI 2001) revelam um crescente despertar de que as igrejas contribuam para a proliferação do vírus devido as suas atitudes julgadoras e moralistas, suas abordagens sobre sexo e sexualidade, e pelo caráter não-inclusivo de muitas comunidades cristãs. Isto nos leva a perguntar no que é que os cristãos acreditam, e o quê as suas igrejas pensam e ensinam (ONU-AIDS 2005). Na crise ocasionada por

esta epidemia, a Igreja não pode servir ao mundo sem questionar, contundentemente, o seu próprio ensinamento missiológico, ético e eclesiológico, e as suposições teológicas que ela usa para apoiar estes ensinamentos. Então, a fase 3 mostra Deus chamando a Igreja, através da epidemia de HIV, a um processo da transformação. Eventos significativos relacionados a isto incluem a reunião de líderes de igrejas africanas do CMI, realizado em Nairobi em 2001; o seminário de teólogos patrocinado pela

### SANTIDADE, CURA E EVANGELHO



Historicamente, os códigos de pureza estabeleceram limites externos que delineavam o sagrado do profano, o puro do "impuro". “Jesus redefiniu o significado e as atividades da santidade”, diz o teólogo zambiano Japhet Ndhlovu (FOCCISA-nórdico 2006). “Em Jesus, a santidade tornou-se um ato de compromisso, não um estado de separação. Em Jesus, o toque de cura da santidade foi o toque de inclusão e participação; o toque que disse ‘você pertence’... Jesus mostrou uma imagem de santidade definida não pela sua distância do que era considerado ser impuro, mas pela sua proximidade à ele. Jesus veio a um mundo tão dividido e separado, e com um toque de mão restaurou a comunidade humana”. Que isso nos diz em relação a nossa atual compreensão de cura no contexto da epidemia de HIV?

ONU-AIDS sobre Estigma em relação à AIDS na Namíbia em 2003; os freqüentes encontros do Papa João Paulo II com pessoas vivendo com HIV e AIDS durante a trajetória de suas visitas pastorais à diversos países; o encontro histórico de altos líderes religiosos organizados pela Conferência de Igrejas de Toda a África em 2004; e as profundas compreensões de estigma e redução de estigma que fluíram da criação da ANERELA+ (Rede Africana de Líderes Religiosos vivendo ou Afetados por HIV e AIDS).

Levantamos nossas vozes para pedir pelo fim do silêncio em torno desta doença – o silêncio do estigma, o silêncio da negação, o silêncio do medo. Confessamos que a própria Igreja tem sido cúmplice deste silêncio. No passado, quando levantamos nossas vozes, foi geralmente uma voz de condenação. Agora queremos esclarecer que o HIV-AIDS não é um castigo de Deus. Nossa fé Cristã nos empenha a aceitar que todas as pessoas, incluindo aquelas vivendo com HIV-AIDS, são feitas à semelhança de Deus e são filhos de Deus.

*Declaração do Primado Anglicano sobre AIDS, Canterbury, Abril 2002.*

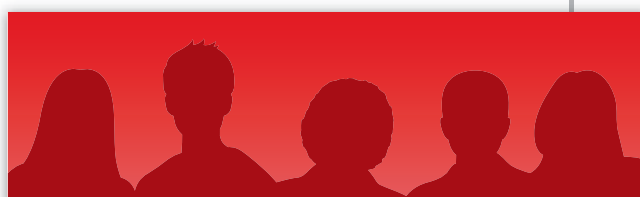
## 2 ] O que é estigma?

‘Tanto organizações como indivíduos realizaram várias ações para combater o estigma; entretanto, estas ações não estavam geralmente fundamentadas numa compreensão biossocial mais ampla de estigma e discriminação em relação à AIDS. O Programa Conjunto das Nações Unidas para HIV e AIDS (ONU-AIDS) geralmente refere-se à necessidade de enfrentar o estigma para combater o HIV-AIDS, porém a definição de estigma não está clara’ (Castro e Farmer 2005).


Apesar de que atualmente se está dando prioridade internacional à redução do estigma, é freqüentemente dito que nos falta realmente uma definição satisfatória para ele. Conseqüentemente, o estigma se torna um tipo de conceito geral que inclui tudo, criticado por qualquer multitudine de fatores que podem prejudicar o teste efetivo, o tratamento ou a prevenção da AIDS. A partir de um contexto sul africano, Deacon et al descreve isto como ‘inflação conceitual’ (Deacon 2005). Esta seção propõe dez princípios sobre os quais uma definição poderia estar baseada.

**Princípio 1** O estigma é contextual e é social. Ele é reconhecido não devido à característica estigmatizada que a pessoa possui, mas por causa da resposta social e política que ele atrai dos outros. Por exemplo, a minha descendência étnica, sexo ou idade pode ser estigmatizante num determinado ambiente, mas também pode ser considerado como uma norma em outro. É pela forma de como os outros me tratam que você julga de que eu carrego um estigma.

**Princípio 2** O estigma é diferente da discriminação. O estigma está vinculado com atitudes e normas comuns; a discriminação é um processo dinâmico que pode (mas não necessita) ocorrer em conse-



**FENOMENOLOGIA**

 Tanto o experimental como o fenomenológico são preliminares cruciais para a reflexão teológica. Portanto, é útil ter uma perspectiva mais ampla do fenômeno do estigma: informar sobre o que é estigma, à luz das diferentes disciplinas a partir das quais se estuda.



## CENTRADA NA CRIAÇÃO OU CENTRADA NA REDENÇÃO

Para um teólogo contextual, diz Stephan Bevens, duas orientações ou perspectivas teológicas básicas estão disponíveis: uma centrada na criação, e a outra centrada na redenção. 'Uma orientação centrada na criação', diz Bevens, 'vê o mundo como sacramental, o lugar onde Deus revela-se Ele mesmo. É caracterizado pela convicção de que a cultura e a experiência humana são geralmente boas. A graça cria a natureza, mas só porque a natureza é capaz de ser criada.'

A teologia centrada na redenção, ao contrário, 'é caracterizada pela convicção de que tanto a cultura como a experiência humana necessitam de uma transformação radical, ou uma mudança total. Neste contexto, a graça não pode criar ou mudar a natureza, porque a natureza é corrupta. Em vez de ser um veículo da presença de Deus, o mundo altera a realidade de Deus e se rebela contra ela. Em vez de uma cultura ser imediatamente considerada sagrada com a presença de Deus, Cristo deve ser levado à esta cultura para que ela tenha senso de salvação em todos os sentidos.' (Bevand 1992, pág. 16). Como poderia esta distinção afetar a nossa forma de pensar teologicamente sobre a AIDS?

qüência do estigma. Às vezes, é possível resistir ou legislar contra as formas mais óbvias de discriminação, porém é mais difícil mudar as atitudes (estigmatizantes) que as produziram.

**Princípio 3** Parte da discriminação está baseada numa avaliação racional de risco, e, portanto, legítima. Isto não deveria ser descrito como estigma. Por exemplo, é discriminação (porém, discriminação justificada) que as pessoas vivendo com HIV ou AIDS sejam consideradas inelegíveis a programas de doação de sangue, ou, que uma pessoa HIV negativa espere que seu parceiro sexual HIV positivo use um preservativo. É irrealista não se preocupar com as implicações sobre o orçamento familiar no momento em que se descobre que alguém da família tem HIV, e se dar conta das decisões difíceis que devem ser tomadas em relação à alocação dos recursos.

**Princípio 4** Até certo ponto, estigma tem a ver com medo e com ignorância. Tememos o desconhecido e o misterioso; tememos as coisas que não entendemos; e tememos doenças não tratáveis ou incuráveis. No Sul da Índia, a estratégia individual mais eficaz na guerra contra o estigma em relação à lepra foi uma longa campanha de folhetos que dizia 'A LEPRA PODE SER CURADA!' Tanto a informação exata como o acesso ao tratamento são, portanto, elementos importantes no combate de estigma relacionado à doenças.

**Princípio 5** Deacon et al distingue entre o estigma instrumental e o simbólico. O estigma instrumental é

uma 'discriminação intencional baseada na percepção de riscos e assuntos financeiros (ver o Princípio 3 acima). O estigma simbólico, o qual se associa a 'conotações' culturais ou religiosas, pode ser expressado em julgamentos religiosos ou morais, ou em respostas emocionais. O estigma instrumental e o simbólico não se originam dos mesmos processos sociais, cognitivos ou emocionais, nem as mesmas intervenções seriam as mais apropriadas (Deacon 2005).

**Princípio 6** A religião, como defensora das normas morais e sociais de uma cultura, muitas vezes funciona de tal forma que reforça e ritualiza o estigma simbólico. É o estigma simbólico que carrega o peso da bagagem religiosa, moral, cultural e social associada à determinadas doenças, incorporando-lhes interpretações negativas que vão muito mais além das preocupações instrumentais de avaliação de riscos e limitação financeira. Na linguagem da religião, a transgressão de normas culturais e sociais pode ser re-conceituada como 'pecado'.

**Princípio 7** A auto-estigma pode ser um elemento importante no coquetel da estigmatização. Quando o estigma é internalizado pela pessoa, ele pode terminar em vergonha ou auto-rejeição que permeia toda a identidade. Assim, o indivíduo estigmatizado começa a colaborar para a sua própria estigmatização.

**Princípio 8** Os níveis de estigmatização podem mudar e modificar com o tempo, fazendo com que a redução do estigma seja uma meta realizável. Por exemplo, no ocidente, a estigmatização de pessoas divorciadas e mães solteiras reduziu dramaticamente nos últimos 30 anos. Algumas pessoas temem, apesar disso, que a redução da estigmatização pode ter conseqüências indesejáveis (e menos desejáveis).

Por exemplo, existe a preocupação de que a redução do estigma (sobretudo quando ele é combinado com maior acesso ao tratamento da AIDS) cause o aumento da atividade sexual extraconjugal e pré-marital.

**Princípio 9** O estigma pode desempenhar um papel vantajoso para o reforço de normas morais ou culturais. Desta forma, as instituições religiosas são capazes, de forma consciente, de estigmatizar e excluir membros que foram descobertos ter ‘pecado’: eles estão fazendo isso, crêem, sobre a base de que o medo da exclusão é necessário para a preservação da sua identidade institucional e para a proteção do bem-estar moral da maioria dos seus membros.

**Princípio 10** O estigma acentua as desigualdades existentes. São os membros dos existentes “grupos de fora” que tendem a ser culpados pelas doenças ou outras calamidades. Um exemplo disso é o assim chamado grupo 4-H, originalmente promovido nos EUA como os responsáveis pelo HIV: a saber, ‘Homossexuais, Hemofílicos, viciados em Heroína, e Haitianos’. A identificação de bodes expiatórios distancia a ‘maioria moral’ de uma forma em que eles mesmos podem estar em perigo, e portanto, reduz a apreensão da ‘população geral’.

Enfrentando as sérias ameaças da AIDS... estamos comprometidos a promover mudanças de mentalidade, atitude e comportamento, as quais são necessárias para confrontar o desafio da pandemia; trabalhar incansavelmente para a eliminação do estigma e da discriminação e desafiar qualquer norma social, religiosa, cultural e política, assim como práticas, que perpetuam tal estigma e discriminação; (e) desempenhar um papel importante na eliminação dos mitos nefastos de estigma e discriminação.

*Simpósio de Conferências Episcopais da África e o do Madagascar, Dezembro de 2003*

### **3 ] Então, que tipo de questão é o estigma?**

Para um europeu abordando a questão do estigma, a atitude primordial deve ser de humildade. Os escritores do mundo em desenvolvimento repetidamente chamam a atenção à dominância de paradigmas biomédicos, culturais e sociológicos ocidentais dentro do diálogo internacional sobre a AIDS (ver Mugambi 1989; Magesa 2002). Em relação à AIDS, em particular, se tem argumentado de maneira convincente que a hegemonia econômica e os meios de comunicação europeus e norte-americanos sufocam as compreensões e as interpretações não-ocidentais (Downing 2005). As seguintes observações são feitas na esperança de que este não continuará sendo o caso para sempre.

A definição de estigma muitas vezes citada por Goffman como uma questão de ‘identidade deformada’, sugere meios pelos quais o indivíduo portador de estigma aprende a aceitar a sua condição e a ‘administra-la’ enquanto à sua relação com os outros e com a sociedade (Goffman 1963). Outras vezes, em particular do mundo em desenvolvimento, descreveram o trabalho de Goffman como individualista e ocidental. Uma descrição mais antropológicamente sensível iria sugerir de que o estigma é comumente gerado, e de que ele vem de valores, preconceitos e tabus compartilhados. Nessa segunda análise, embora a promoção de indivíduos seja (naturalmente) importante, é ao nível da comunidade que genuinamente se dá a redução do estigma (Weiss e Ramakrishna 2001; Das 2001).

Para epidemiologistas, por outro lado, o estigma é parte integrante da resposta da sociedade à doença. A história epidemiológica nos diz que ‘enquadrar e culpar’ é uma etapa universal no progresso de todas as epidemias. Devido a que as epidemias são geralmente inesperadas, esta é uma etapa que não se

pode evitar, porque ela é gerada pelo medo, pela ignorância do desconhecido e pela impulso intrínseco de encontrar bodes expiatórios para culpar pelo desastre.

Estes bodes expiatórios, muito provavelmente, pertencem a grupos que já estão estigmatizados por uma determinada cultura ou instituição. Há muitos exemplos disso. Durante a guerra ugandês-tanzaniana, cada país acusou o outro de ser o responsável pela propagação da epidemia nas áreas de fronteiras. A população urbana responsabilizou a população rural, e vice-versa. A diferença em termos de origem étnica, condição física ou orientação sexual pode atrair estigmatização. E, em todas as culturas, são as mulheres que têm a maior probabilidade de serem responsabilizadas por isso. O estigma, portanto, é difundido pela marginalização e pelo preconceito que já existem na sociedade.

O estigma tem a ver de forma preeminente com o poder. Gênero, classe social, educação, raça e condição econômica se tornam parte da ideologia da diferença que se une à doença (Deacon 2005). A discriminação ocorre quando os membros do assim chamado grupo 'normativo' procuram reforçar a sua própria posição simbólica através da exclusão ou marginalização de membros do "grupo de fora". Assim, as intervenções nunca serão eficazes ao menos que elas estejam dirigidas à base de poder da qual o comportamento estigmatizador está consistido: a congregação de uma igreja, as pessoas que intimidam na enfermaria, ou que trabalham na administração burocrática. Para ser eficaz, as intervenções devem mudar os corações dos poderosos ou (se isso falhar) forçosamente retirar deles a capacidade de manejar aquele poder.

#### 4 ] Em busca de um método teológico

Esta reflexão foi iniciada (i) pelo reconhecimento de líderes de igrejas de que o estigma em relação à AIDS causa sofrimento e tem efeitos nefastos para a identificação, tratamento e programas de prevenção do vírus, e (ii) pelo crescente entendimento de que as suas igrejas, ao estigmatizar aqueles que estão vivendo ou estão afetados pelo HIV ou AIDS, estão frequentemente contribuindo para o problema. O desafio, agora, é aconselhar como poderíamos mover-nos 'fora da caixa,' em termos teológicos, em nossa resposta ao estigma. E para fazer isto precisamos relacionar esta idéia às categorias teológicas que levam a nos posicionar sobre questões da fé, e dentro das quais é geralmente ensinado e discutido nas nossas igrejas, instituições de educação teológica.

Para a teologia, o estigma é mais que toda uma questão ética: refere-se à verdade; e une-se à nossa vasta compreensão do que significa ser um ser humano. O estigma em relação à AIDS também convida à reflexão das subdisciplinas da eclesiologia, missiologia e teologia pública: tem implicações para a Igreja como comunidade, para a sua missão no mundo, e para o seu papel em relação ao resto da sociedade civil. O estigma tem implicações para a história da igreja e para os estudos bíblicos, se relaciona à atitudes que se originam da tradição da Igreja, e também pela forma em que as Escrituras e outros textos foram transmitidos e interpretados. O estigma é também uma questão Cristológica, levantando questões sobre encarnação, salvação, e sobre



### IMAGENS DE DEUS

 Como vemos Deus? Na Noruega, num seminário organizado por e para pessoas vivendo ou afetadas pelos HIV ou AIDS, muitos participantes disseram que durante as suas infâncias a imagem mais forte que tinham de Deus era de um Deus estrito e exato: juiz, legislador, professor severo e zangado, aquele que pune o mal comportamento e também tem favoritos; um Deus que está incompreensivelmente "zangado, mesmo quando tento fazer o melhor possível" (FOCCISA-Nórdico 2006). Quando Deus é apresentado tão patriarcal e julgador, e vivenciado como zangado, que rejeita e é injusto, então este é um desafio sério para a igreja.

Quantos de nós temos estas imagens? Elas dão alguma indicação sobre a nossa experiência de estigma? E como é que elas se comparam com a imagem bíblica do pai que corre para ir ao encontro do filho querido pródigo, mesmo quando ele ainda está longe?



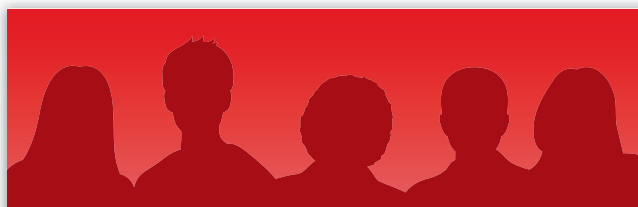
o que significa para a Igreja ser ‘o Corpo de Cristo’. Metodologicamente, entretanto, pode ser mais útil começar a tratar o estigma e a discriminação como questões contextuais. Para alguns teólogos contextuais, isto significa localizá-lo (sincronizadamente) na interconexão entre (i) uma compreensão interdisciplinar do fenômeno (que implica no reconhecimento de que os discursos teológicos devem operar em diálogo com discursos médicos, culturais, sociológicos e políticos); (ii) a realidade do presente (que está personificada no contexto social específico que estamos lidando, e implica em experiência humana individual, realidades culturais locais, históricas e econômicas, e a necessidade de mudança); e (iii) a herança do passado (que está personificada nas escrituras, na ética, na tradição teológica particular em que vivemos, e na maneira de como entendemos a autoridade da igreja).

As igrejas cristãs e as tradições teológicas diferenciam-se pelo peso relativo que elas dão (i) à fenomenologia; (ii) à realidade do presente e (iii) à herança do passado. Esta metodologia é, por tanto, extremamente útil como um instrumento objetivo para analisar as brechas que às vezes se abrem entre os participantes do diálogo teológico sobre questões contextuais, sobretudo quando este diálogo entra em áreas da experiência humana que estão protegidas pelo tabu cultural ou religioso. (Ver Bevans, 1992 e 2002 para saber mais sobre isto).


Outro possível ponto de entrada para o diálogo se dá através da idéia da narrativa (Williams 2000). Exemplos disto vêm de mulheres asiáticas e latino-americanas que resgataram exemplos de temas bíblicos em nome dos pobres (Gebara 2002). Entendemos o que nos está acontecendo (diacronicamente) através da história contínua (ou ‘narrativa’) de nossas vidas comunitárias, institucionais e individuais. A idéia da narrativa nos permite pensar na transformação, quando passamos a ler a história através dos olhos de outros atores, e de nos engajar em futuras possibilidades, bem como com a herança do passado e a realidade do presente. Ao introduzir uma dimensão escatológica - uma dimensão ainda para vir - no discurso, nos é oferecido um caminho para fora da luta perdida entre a herança (de um lado) e a realidade existencial da crise atual (por outro). Por essa razão, as metodologias de narrativa podem oferecer uma contribuição particularmente favorável ao exercício de ‘pensar fora da caixa’.

## 5 ] Estigma e tabu

Uma das razões pela qual o estigma é tão difícil para enfrentar é que ele está costurado, ao nível mais profundo, no tecido da sociedade, e nos padrões subconscientes através dos quais os seus membros organizam as suas vidas. Desafie o estigma, e você despertará paixões que são profundas, mas que podem não ser conscientemente entendidas. O estigma é o serviçal do tabu. E é através de seus tabus, profundamente encravados na consciência comunitária e individual, que as sociedades, as instituições ou os grupos sociais se protegem do sofrimento, perigo, e da influência destrutiva do ‘diferente’ ou ‘do outro’ (Douglas 1966). De todos os elementos de uma cultura, os que estão mais propensos ao tabu são sexo e sexualidade, gênero, doença, raça, pecado e morte. Juntando isso à determinados estigmas associados com a AIDS, pode se interpretar de que a maioria das



### MAPEANDO O TERRITÓRIO

 O pensamento e a ação cristã, em todas as idades e culturas, foram definidas na medida em que certos conceitos importantes foram interpretados. Para propósito desta reflexão, sugerimos que o território teológico a ser explorado deve incluir cinco 'horizontes' (criação, encarnação, salvação, escatologia e comunidade) definido pelos 'pilares' teológicos similares da Cristologia e eclesiologia. Em cada caso, os desafios emergentes levaram a uma exploração mais profunda destes princípios, conduzindo à sua vez a novas compreensões da sua significação num determinado tempo e contexto. (Ver Gonzalez 1999; Bevan e Schroeder 2004; Sölle 1990).

Será observado, naturalmente, que essas são precisamente as questões sobre as quais os teólogos geralmente diferem. É por isso que é tão importante que o diálogo comece a partir de uma base relativamente sólida de experiência e fenomenologia. Quando há discordâncias, pode ser também útil explorá-las à luz do eixo centrado na criação –redenção descrito acima. A interconexão pode não levar a um acordo, mas pelo menos ela pode possibilitar uma compreensão mais clara da diferença!

dificuldades que surgem durante as nossas conversações sobre estigma estão relacionadas com um ou outro desses elementos. Por exemplo, dependendo da perspectiva de classe social de alguém, a AIDS pode ser vista como uma doença de rico ou de pobre; dependendo da perspectiva de gênero de alguém, ela pode ser vista como uma doença de mulher ou uma doença causada por homens; dependendo da perspectiva de raça de alguém, ela se torna uma doença de negro ou uma questão branca. E assim por diante.

## SEXO, SEXUALIDADE E PECADO



A estigmatização de pessoas com HIV ou AIDS está relacionada com a associação equivocada que o pensamento cristão geralmente fez entre a sexualidade e o pecado. Na maioria dos países isto é exacerbado pelos tabus que rodeiam o homossexualismo.

Há um lugar para Deus na sexualidade? Muitas pessoas religiosas diriam "não": este tipo de sexo pertence ao lado obscuro e reservado da natureza humana, cercado de culpa, vergonha e tabu. Ao contrário, os meios de comunicação (especialmente no ocidente) estão cheios de sexo, que aparenta estar tão livremente disponível e abertamente discutido, tornando difícil admitir que alguém não o queira. Ambas as posições implicam em negativa.

O teólogo zambiano Japhet Ndhlovu, refletindo sobre a própria missão das igrejas em vista da AIDS, argumenta sobre a necessidade da teologia cristã envolver-se abertamente com a aliança destruidora entre cultura e ensino Cristão, particularmente em relação à sexualidade e gênero (FOCCISA-nórdico 2006). O silêncio e a negação oferecem uma zona de segurança para o abuso sexual, e impedem os jovens e as mulheres de aprenderem a negociar os termos das relações sexuais. Tanto a negação como a sexualidade e a glorificação da sexualidade implicam que o sexo perdeu de alguma forma a sua conexão com as relações humanas. E estar em Deus é 'estar em relação'. Quais são as implicações teológicas disso?

A função social do tabu é, principalmente, a preservação do atributo mais estimado da sociedade, considerado como a base para o seu florescimento contínuo: a ordem. Não é por acidente que as nossas escrituras começam com a história 'da criação' de Deus pondo ordem no caos. Conseqüentemente, cada sociedade e instituição têm codificada na sua identidade cultural um sistema de valores, crenças e relações "ordenada" (embora não idêntico), que governam a vida, a morte, o sexo, a reprodução, a família, a criação de categorias sociais e o significado de eventos. Universalmente, 'a ordem' social ou institucional é salvaguardada por leis (ou tabus) que a protegem de influências hostis e que preservam a sua pureza: as regras de casta na Índia são um exemplo bem conhecido. Ignorar essas regras põe o indivíduo e a sua família fora do sistema e expõe a sociedade inteira ou a instituição ao perigo e a possível destruição. A razão pela qual a luta para eliminar o estigma é tão dolorosa, é porque estamos nos enfrentando, de fato, com os tabus que apoiam o tecido das nossas respectivas sociedades e instituições, com as quais a nossa identidade como seres humanos está inextricavelmente conectada.

A religião desempenha um papel crucial na santificação da ordem social, e na atenção à necessidade da sociedade para rituais nos quais a sua vida corporativa pode encontrar expressão. Isto dá a religião uma grande autoridade. Por isso, iniciativas do Conselho Mundial de Igrejas, tais como África Orando, dirigem a oração, a liturgia e a pregação como formas potencialmente poderosas nas quais a igreja pode desafiar os elementos que estigmatizam na sociedade (Dube 2003). Quando as normas de comportamento são contraditórias, entretanto, a situação torna-se complicada. Em vez de envolver-se ou resistir à cultura social, a Igreja protege-se com ficções de uma ou outra espécie. Por exemplo, vamos dizer que é geralmente assumido, no seu grupo ou cultura,

que um homem terá múltiplas parceiras sexuais ou mais de uma esposa. Este é o Verdadeiro Código. Isto é o que significa pertencer. Mesmo se você decidir não seguir o 'código', você sabe que está de alguma maneira conectado para ser julgado como um 'verdadeiro homem' na sua sociedade ou o em seu grupo. Por outro lado, como um cristão, pode ser entendido de que você obedece o Código Oficial, o qual diz que os homens cristãos se abstêm sexualmente até o matrimônio e permanecem monógamos depois disso (Douglas 1966, Setel 1999).

Quando o HIV aparece entre membros de uma determinada igreja ou paróquia, ele expõe a verdade, que é a possibilidade de que muita gente, clero incluído, não esteja seguindo este Código Oficial. A única coisa que será conseguida pelo fato de estigmatizar-los ou excluir-los, ou publicamente proclamar a sua pecabilidade, é produzir a negação e impedir de que adultos e crianças sejam examinados ou que comecem um tratamento. Ao mesmo tempo, os programas de prevenção não podem ser construídos sobre mitos e ficções. Por isso, um processo de reflexão teológica deve permitir o espaço para a negociação entre o Verdadeiro Código (que reina no mercado e no bar, na sala de aula, no hospital e na praça da cidade) e o Código Oficial (que tem prioridade na Igreja). O vírus não faz nenhuma distinção entre os dois: se você estiver vivendo com o HIV no bar, então você também estará vivendo com ele na igreja.

Devemos banir o estigma que tão freqüentemente faz a sociedade insensível em relação à vítima da AIDS, e dissipar os preconceitos daqueles que temem a proximidade de vítimas da AIDS, porque eles querem evitar o contágio.

*Cardeal Javier Lozano Barragan,  
Presidente do Conselho Pontifício para a Atenção Pastoral de Trabalhadores de Saúde e o Doente, Vaticano,  
Novembro de 2004*

## **6 ] O corpo como tabu**

HIV e AIDS estão associados nas mentes das pessoas com sexo, sexualidade e orientação sexual: todos eles se associam, na tradição cristã, com o pecado. Isso é geralmente dito porque a AIDS está tão fortemente estigmatizada. Porém, as dificuldades com sexo e sexualidade são apenas um aspecto de uma história mais geral, dentro da tradição cristã, de atitudes altamente ambivalentes ao próprio corpo humano. Isto em particular aplica-se aos corpos das mulheres, mas também a corpos sexualmente ativos, corpos doentes, corpos inválidos, corpos que estão morrendo, corpos fora-de-controle, e corpos cuja origem étnica ou de cor de pele se diferenciam visivelmente da norma comum. Para a maior parte de nós, é difícil encontrar as palavras para falar sobre os nossos corpos sem ficar com vergonha ou ser considerado imodesto ou ofensivo. É sobre esta base que despreveríamos o corpo como ‘tabu’.

A transmissão sendo principalmente sexual, e a própria AIDS estando associada com doença e morte, a AIDS foi como um ímã para todos os significados negativos que a tradição cristã ocidental associou ao corpo: os significados que apoiaram a sua ética e eclesiologia, e que influenciaram na formação da cultura das igrejas cristãs. Estes, à sua vez, se tornaram parte da herança das igrejas do Sul global, onde (conforme as teólogas feministas africanas indicaram) se aliaram com abordagens culturais existentes, e à sua vez ajudaram a formar a cultura das igrejas na África, na Ásia e na América Latina (Oduyoye in Njroge e Dube, 2000). Mas o fato é que todos nós temos corpos. Todos nascemos, morremos e sangramos; e se somos sexualmente ativos ou não, mesmo assim somos seres sexuais. Somos todos vulneráveis, todos (até certo ponto) deficientes. Em realidade, o corpo vivo não é perfeito: é humano.

Abraçar uma fé encarnacional, cujo sacramento principal é a Eucaristia, seria lógico para admitir que os Cristãos celebrariam o corpo humano, porém este corpo poderia estar quebrado e deficiente. Contudo, a maior parte das pessoas está tão condicionada por mensagens anti-corpo que elas acham quase impossível escutar ou articular a convicção de que os seus próprios corpos são ‘o templo de Deus’ (1 Cor.3:16-17). Por isso, a reflexão teológica sobre o estigma em relação ao HIV e à AIDS tem que encarar honestamente aos efeitos de construções cristãs do corpo. Se deveria fazer assim à luz da promessa do Evangelho, que no nascimento, vida, morte e ressurreição de Cristo, temos a garantia que ‘ser humano’ não é somente bom, mas sim o maior presente de Deus.

## 7 ] A fala através de divisões culturais

‘Fazer teologia contextual’ é difícil mesmo quando os participantes compartilham um determinado contexto local ou institucional, e podem se envolver com o que significa ser parte da cultura daquele contexto. Sem necessariamente perceber, as pessoas experimentam suas culturas de formas diferentes. Os participantes masculinos farão suposições de como é que se sente ser uma mulher, os participantes brancos de como é ser negro, leigos de como é ser clero, pessoas HIV negativas de como é ser HIV positiva, e assim em diante. E para decifrar tais suposições, especialmente em relação ao tema de estigma, será (obviamente) necessário trabalhar algumas das relações de poder que existem entre esses grupos. Por isso, seria falso dizer que ‘somos todos parecidos,’ mesmo se vivemos na mesma rua.

O processo de ‘contextualizar’ a conversação é duplamente difícil quando ela se dá através de divisões culturais e regionais (como se faz dentro do Conselho Mundial de Igrejas e outras redes internacionais e organizações). Considere, por exemplo, a questão do tabu. Embora todas as culturas tenham tabus, os objetos do tabu variarão de cultura à cultura, ou mesmo dentro da mesma cultura. Isto significa que as conversações inter-culturais, inter-regionais sobre AIDS estão particularmente

propensas à dificuldades e mal-entendidos, mais notavelmente em relação àquelas áreas da cultura que carregam os mais altos níveis de tabus, sendo (como dissemos antes), o sexo, a sexualidade, o gênero, a doença, a raça, o pecado e a morte. É relativamente fácil identificar os tabus de outros, mas quase impossível admitir os nossos próprios.

Nenhum de nós nos imaginamos como estigmatizadores. As atitudes de alguém (ou do grupo de alguém) nunca são ‘estigmatizadoras’: elas são somente ‘o jeito de como as coisas são’; elas são, se você quiser, ‘naturais’. É a natureza do processo que estigmatiza, de que os preconceitos negativos que ele contém pareçam naturais e inquestionavelmente corretos para aqueles que os compartilham. Por outro lado, as atitudes estigmatizadoras dos outros (que alguém não compartilha) são muitas vezes por demais óbvias. Desta forma, as tentativas bem-intencionadas (aparentemente irracional) de questionar os tabus dos outros podem levar a uma resistência enfurecida, e o encontro inteiro pode terminar na negação confusa e no afastamento.

Tal situação surgiu de uma reflexão teológica colaborativa que está sendo realizada entre as igrejas nórdicas e a Irmandade de Conselhos de Igrejas no Sul da África. Nos países nórdicos, existe uma forte conexão entre a transmissão de HIV e homossexualismo. Embora as relações homossexuais ainda sejam estigmatizadas nessas culturas, é geralmente possível viver abertamente como um homossexual, e normalmente é possível discutir esta questão. Em países da África do Sul, contudo, a idéia de homossexualismo foi considerada um tabu, especialmente em círculos religiosos; e isto deu origem a um profundo desconforto para envolver-se com a experiência nórdica.

### EUCARISTIA, CORPO E COMUNIDADE



Na Eucaristia celebramos a memória e a presença do ‘evento de Cristo’: isto é, a encarnação, que é a vida no ventre, o nascimento, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus, e o presente ao mundo do Seu espírito. O simbolismo eucarístico tem um caráter altamente físico. Em nossos próprios corpos, somos levados à relação com a vida de Cristo, divina e humana. Quando o celebrante diz, ‘este é o meu corpo’, ‘este’ nesta frase significa o pão; mas ‘este’ também se torna o meu próprio corpo; e ‘este’ se torna também o sacramento da comunidade reunida, que é o corpo de Cristo. Espiritualizar a Eucaristia, diz o teólogo do Sri Lanka Aloysius Pieris, é negar a sua realidade encarnada, já que a Eucaristia combina o horizontal e o vertical, associando salvação (que é pessoal e espiritual) com libertação (que é holística, corporativa e social). O pão Eucarístico e o alimento do pobre são a mesma coisa: se genuinamente assumirmos o significado da Eucaristia, não podemos deixar de sermos autorizados a levar a ‘verdadeira presença de Cristo aos que estão em necessidade (Pieris 1999).

A teologia da Eucaristia tem algo para contribuir na discussão sobre o estigma em relação à AIDS? Há aspectos da celebração Eucarística que contribuem para o medo de estigmatização relacionado com a AIDS, e a exclusão? Por exemplo, há implicações para o estigma em relação à gênero, caso só se permita que os homens celebrem a Eucaristia?

Os participantes também tiveram dificuldades com as diferentes interpretações culturais de pecar. Nas contribuições africanas do Sul para o projeto, a idéia do pecado foi de grande importância na associação entre AIDS e pecado, fazendo do vírus a fonte principal do estigma em relação à cultura. Nos países nórdicos, entretanto, os enfoques liberais em relação ao sexo e a sexualidade resultaram, em alguns círculos, numa negação virtual da existência do pecado, pelo menos de como as igrejas tradicionalmente o entendiam, e especialmente em relação ao sexo (FOCCISA-nórdico 2006). Assim, os participantes nórdicos ficaram profundamente preocupados para envolver-se com a experiência africana do Sul.

Encontros inter-regionais, como o FOCCISA - processo nórdico, são de grande importância para ajudar-nos a entender outras culturas. Possivelmente, o maior valor do diálogo teológico inter-cultural situa-se não no que ele nos ensina sobre os outros, mas no seu potencial para conduzir-nos a uma compreensão maior de nós mesmos. Eis um modo inquietante porém poderoso para romper o silêncio que protege 'a caixa' das nossas próprias identidades culturais e institucionais.

As igrejas deveriam lutar contra a estigmatização da AIDS, que comprovou ser a maior barreira na guerra contra a doença.

*Rev. Dr. Melaku Kifle, quando atuando como Secretário Geral em exercício, Conferência de Igrejas da Toda a África, Março de 2003*

## 8 ] O que é o pecado?

Um outro desafio é a necessidade dos Cristãos encontrarem uma linguagem verdadeira e um marco moral para falar sobre a AIDS. O estigma em relação à AIDS é uma negação do valor humano. Ele é também um obstáculo para a prevenção e tratamento do HIV, e por isso, foi rotulado um pecado, uma questão de direitos humanos, até mesmo um crime contra a humanidade. Discutivelmente, a maioria de líderes de igrejas concordariam com esta visão (embora fosse interessante saber quantos não concordariam). O problema é que a linguagem de direitos humanos e da ciência, que dominam o discurso sobre a AIDS, não são traduzidos imediatamente para a linguagem da ética cristã. Por conseguinte, as regras que forneceram as fundações morais das nossas igrejas como comunidades, podem facilmente aparentar julgadoras e exclusivas.

Por outro lado, a posição de direitos humanos (surgida de uma resistência completamente louvável ao preconceito ou injustiça) pode facilmente consolidar a posição "politicamente correta", assim produzindo tabus dela mesma: tabus que podem resultar no silêncio das verdades, e também um nível de intolerância em relação às visões de mundo alternativas que fazem o diálogo real muito difícil. Em realidade, o que está sendo geralmente pensando secretamente durante as conversas sobre o estigma em relação à AIDS, é que não é a estigmatização das pessoas que vivem ou são afetadas pelo HIV




### INTERPRETANDO A BÍBLIA

 A Bíblia, naturalmente, é um recurso de fundação. Entretanto, até recentemente ela foi divulgada e interpretada exclusivamente por catedráticos masculinos, brancos e ocidentais. Muitas vezes era utilizada para apoiar atitudes e práticas estigmatizadoras dentro da igreja e aumentar a estigmatização do vulnerável e marginalizado. Porém, no nascimento, na vida, no ministério de cura, na morte e na ressurreição de Cristo, encontramos a rejeição definitiva de estigmatização.

O estigma relacionado à AIDS nos intima a 'ler' a Bíblia do mesmo modo que nos intima a 'ler' o contexto, do ponto de vista do excluído. Ela nos intima a abordar nossas Escrituras com olhos que estão dispostos a ver e identificar-se com o pobre, as mulheres, as pessoas com deficiências, os estrangeiros, as viúvas e os órfãos, os escravos, o colonizado, e aqueles que foram expulsos da comunidade por causa de doença ou deficiência mental. Ela nos intima a assegurar que a Bíblia é oferecida para funcionar como um texto de libertação e cura, não como um instrumento de exclusão e opressão.



## O AUTO-ESVAZIAMENTO DE CRISTO

 Os teólogos asiáticos, em particular, exploraram a idéia eclesiológica de kenosis: o modelo do Deus auto-esvaziado que – em Cristo – decide guardar o poder para identificar-se com o fraco e marginalizado. Frente a isso, o princípio de kenosis aparenta estar atraente para aqueles que simplesmente querem que as igrejas 'suprimam' a bagagem criadora de estigma de moralidade, exclusão, patriarcado e preconceito.

É interessante aplicar este pensamento aos tipos de situações que aparecem nas Seções 8, 9 e 10 desta publicação. Pode ser que o princípio kenosis aqui pede a eliminação da defesa que usamos para proteger-nos da verdade de outra pessoa?

ou AIDS que é pecado, mas sim as circunstâncias pelas quais a transmissão ocorreu primeiro. HIV e AIDS se torna então evidencia de imoralidade. E neste caso então (dependendo da linha secreta de pensamento) um diagnóstico positivo é só o que a pessoa 'culpada' mereceu.

Qual é então a questão moral? É o adultério, ou é a resposta que a igreja ou a sociedade dão ao adultério? É homossexualismo, ou é a proibição do homossexualismo?

Essas perguntas são cruciais para os líderes das igrejas, já que elas levantam outras questões fundamentais sobre a igreja como instituição: perguntas que os líderes, se forem administradores responsáveis, estão aptos a perguntar. Por exemplo, o que é a comunidade eclesial promove, a não ser certos padrões morais? Aos pecadores Cristo prometeu o perdão, a aceitação e a liberdade para prosperar; mas como pode haver perdão se não se admitir haver o pecado? E se na campanha contra o estigma, alguém finalmente faz qualquer tipo de moralidade que desconsidera os princípios morais que a Igreja sempre

ensinou? Não há um perigo de que a exclusividade por demais ampla pode quebrar as fundações culturais ou morais da comunidade cristã e tornar a afiliação na igreja sem sentido?

Tudo isso poder ser simples: mas eu suspeito que o cenário acima mencionado chamará a atenção dos leitores familiares com os tipos de discussões que a epidemia do HIV gerou dentro das igrejas. Já o que está sendo experimentado aqui, é uma linha entre duas concepções de mundo ou ideologias opostas, cada uma profundamente influenciada pelo seu próprio sistema de tabu interno. Onde o argumento fica polarizado como aqui, ele pode prejudicar o desenvolvimento de iniciativas que estão integradas, enraizadas na realidade, e usar a experiência e recursos de todos os implicados. O que é necessário é promover um diálogo mais aberto e claro, num ambiente onde os participantes estejam seguros de que as diferenças podem ser ditas e verdadeiras preocupações serem escutadas.

## 9 ] Uma brecha política e moral

Esta seção busca chamar a atenção ao hiato que permeia o discurso sobre estigma em relação à AIDS. Já as posições contrárias exploradas em seções prévias são sintomáticas de uma brecha moral e política que corre direto através do atual discurso internacional sobre HIV e AIDS. Por um lado, há a tão falada 'direita conservadora', com seus fortes laços religiosos. Por outro lado, a 'esquerda liberal,' amplamente associada com o pensamento secular, científico e de direitos humanos. A 'esquerda liberal', dizem os seus críticos, estimula o adultério, tanto pela a advocacia anti-estigma, como pela promoção do uso de preservativos. Os seus membros, segundo eles alegam, estimulam a experiência sexual precoce entre os jovens (i) ao aceitá-la como inevitável, e (ii) insistem na importância da educação à prevenção plena e correta. Por outro lado, 'a direita conservadora' (dizem os seus críticos) aumenta o estigma em relação à AIDS ao demonizar as formas pelas quais o HIV é transmitido. Além disso, ela prejudica a prevenção do HIV ao recusar-se (devido o seu enfoque baseado na abstinência e estigmatização do preservativo) a reconhecer a realidade de vidas das pessoas. E, finalmente, (devido a sua resistência para fornecer informação completa e precisa) ela infringe os direitos humanos e causa mortes que poderiam ser evitadas.

Esta polarização é uma simplificação exagerada. Por outro lado, ela contém uma verdade que muitos reconhecerão, e que esclarece uma outra fonte de frustração e confusão, nesse caso a catastrófica bre-

cha política que é amplamente percebida para dividir o Fundo Global das Nações Unidas (associado ao pensamento de ‘esquerda liberal’) e o Programa de Emergência para o Alívio da AIDS do Presidente da administração dos Estados Unidos (PEPFAR), que está, por sua vez, associado com ‘o ‘ pensamento de direita conservadora. Devido a essa luta de gigantes (se diz), a política dos doadores influenciou inevitavelmente no desenvolvimento dos programas, em que os recipientes do apoio financeiro indicam se sentem obrigados a adaptar os seus programas às exigências dessas agências de financiamento, e não (i) às condições locais e (ii) as suas verdadeiras crenças do que é necessário nos seus próprios contextos. E mesmo assim, ambos enfoques ofereceram durante os anos fortes contribuições para a resposta à epidemia, e continuam fazendo isso. Ninguém tem o monopólio sobre a ética ou os direitos humanos. Seus defensores concordariam que o objetivo básico é ajudar aqueles que estão afetados pelo vírus, e terminar com a epidemia tão logo seja possível. Neste contexto, um enorme presente que um diálogo global fortalecido, eticamente - e teologicamente - coerente poderia oferecer para o mundo é uma conversa sana, reconciliatória que aborde esta brecha e pense ‘fora da caixa’, a qual parece estar atualmente trancada.

É de conhecimento comum agora que em HIV/AIDS, não é a própria condição que mais dói (porque muitas outras doenças e condições levam a um sério sofrimento e à morte), mas sim o estigma e a possibilidade de rejeição e discriminação, mal-entendido e perda de confiança que as pessoas HIV positiva têm que enfrentar.

*Rev. Canon Gideon Byamugisha,  
Igreja Anglicana de Uganda e fundador de ANERELA, Novembro de 2001*

## **10 ] À caminho de uma nova Criação**

Qualquer um que esteja lendo este artigo provavelmente fará a relação, de alguma forma, com a frase que aparece na capa frontal desta publicação, sugerindo que ‘para as igrejas, a contribuição mais poderosa que podemos oferecer para combater a transmissão do HIV é a erradicação do estigma e da discriminação’. Como seres humanos construímos muros que nos separam e nos protegem um dos outros: muros que se tornam com o tempo aquelas ‘caixas’ muito institucionais, culturais, políticas ou acadêmicas, e que fornecem a base lógica para o pensamento estigmatizado, porque eles reforçam o ‘outro’ do que é diferente. Por isso, neste documento estivemos tentando chegar a uma compreensão mais profunda, especificamente o entendimento teológico do estigma, e em particular do estigma em relação à AIDS. O que é estigma? Como pensamos sobre ele? Que luz a teologia cristã pode ter sobre suas conseqüências? As perguntas nos quadros vermelhos fornecem uma oportunidade para explorar estes processos, e para envolver-se com algumas de suas conseqüências morais, políticas e pastorais. Para onde iremos daqui?

Primeiro, vamos ver o espaço entre as ‘caixas’. Sim, todos somos diferentes; e sim, as especificidades do estigma diferenciam-se de contexto a contexto: e ainda, nossos corpos são biologicamente semelhantes e muitos adoecem da mesma forma. Os padrões antropológicos comparáveis podem ser observados em nossas vidas sociais, culturais e institucionais, assim como as políticas que fluem deles. As nossas próprias emoções e espiritualidade são capazes de nos dar o discernimento às respostas emocionais e espirituais dos outros. Por isso, se é para se ter alguma credibilidade pública, a reflexão deve considerar (ou pelo menos respeitar) a busca da verdade de mãos dadas com as disciplinas da biologia, ciência, antropologia e psicologia.

Como Cristãos, contudo, temos os nossos próprios recursos para usá-los na luta para entender e transformar estruturas e crenças que estigmatizam. Temos uma herança comum e escrituras comuns, embora possamos diferir na forma de como as interpretamos ou as aplicamos. Podemos experimentar ou adorar à Deus de maneiras diferentes, mas verdadeiramente temos uma fé compartilhada no Deus da Trindade, ativo na história, revelado na “Palavra que se fez carne”, e profundamente envolvido agora nas nossas

vidas como indivíduos e como instituições. Temos um compromisso compartilhado com a Igreja, e para a sua missão de transformação, mesmo quando discordamos sobre metas e metodologias específicas. E ainda assim, o estigma – a ideologia do ‘outro’ – atua e é experimentada de maneiras diferentes em culturas e contextos diferentes. Geralmente, o estigma reflete os modelos de relações de poder mais amplos: então, o pensamento ‘encaixotado’ (fechado) do nosso pessoal pode nos levar a ignorar as celas de prisão que convertem alguns grupos ou indivíduos em prisioneiros da pobreza; prisioneiros da discriminação baseada no gênero, raça ou deficiência; presos da ignorância, medo ou falta de educação; prisioneiros do nosso próprio sentimento de fracasso ou pecado, e assim por diante. E todos esses casos foram identificados como poderosos contribuidores para a transmissão do HIV.

O principal objetivo deste artigo é explorar o tipo de crenças culturais e teológicas que serviram para justificar a existência contínua de tais relações de poder. Ele também pretende motivar os leitores a identificar os mecanismos pelos quais as instituições atraem estas crenças para justificar a estigmatização e a exclusão, e permanecer no caminho de uma resposta ampla, aberta, flexível e não burocrática para a epidemia. Isto implica identificar e estar disposto a mudar as pessoas e grupos que têm o poder para formar ou manter estes sistemas de culturas e crenças. Por exemplo, são somente as vozes dos que estão articulados que são ouvidas, ou daqueles com alguma posição hierárquica? Estas vozes incluem mulheres, leigos, ou pessoas que vivem com HIV ou AIDS? Certamente, as questões de estigma e discriminação têm que ser confrontadas não somente ao nível de organização e prática da igreja, mas também pela própria teologia cristã: o que é ensinado nos seminários, o que os teólogos acadêmicos pensam e escrevem, o que os fiéis acreditam e fazem, e que valores compõem a formação pastoral do clero e do leigo (ONU-AIDS 2005).

## LINGUAGEM E LAMENTAÇÃO




‘Somos desafiados’, diz a teóloga Sul Africana Denise Ackermann, ‘pela falta de uma linguagem eficaz para lidar com HIV e estigma. O estigma é nutrido pelo silêncio. Trauma internalizado, medo de rejeição, restrições culturais e compreensões incorretas de pecado e castigo, tudo isso despojam as pessoas do seu poder para determinar a sua realidade... As escrituras nos deram uma linguagem que podemos lidar com o sofrimento. Na linguagem antiga da lamentação, temos uma forma de dar nome ao que não tem nome e clamar à Deus e denunciar situações que são insuportáveis. (ONU-AIDS 2005). Lamentação, diz Ackermann, é arriscada porque ela denomina a verdade ao Deus, recusa a estabelecer as coisas da maneira como elas são, evita o falso otimismo e ainda confirma que Deus ajudará. Ela é também um instrumento poderoso para tratar com o sofrimento.

Se o silêncio e a negação contribuem para o estigma, então os nossos esforços para responder deveriam incluir seguramente a busca de formas para falar sobre sexo e sexualidade, sobre sofrimento e sobre doença. A obra de Ackermann sugere uma aproximação. Quê outras aproximações poderiam existir?


Então, como podemos fazer? Nos primeiros parágrafos desta seção contêm algumas sugestões sobre a base comum que existe ‘entre as caixas’, e quais críticas poderiam ser feitas. Porém, isto não é somente um exercício intelectual. Certamente, ‘o pensamento fora da caixa’ necessita de coragem, imaginação, visão, e a humildade para colocar-se nos sapatos dos outros e ver como é que nos sentiríamos estando lá. Mas não é um Deus resmungão, crítico, e que condena que nos está chamando para esta tarefa. Ao contrário, é o Deus que recria, caminhando sobre as águas com o poder, com a paixão e com o amor. Este é o Cristo, nascido, morto e ressuscitado, reconciliando o mundo do Criador, e então fazendo todas as coisas novas. Este é o Espírito de renovação que veio em forma de fogo e vento, em Pentecostes, e derrubou as portas que dividiam as pessoas. Certamente, este é um Deus vulnerável, profundamente e apaixonadamente envolvido no mundo. É no espírito desta narrativa de criação, renovação e recriação que embarcamos na aventura inquietante, mas enfim libertadora, de ‘pensar fora da caixa’.

E agora é com você! As páginas em branco que seguem deixam espaço para os seus próprios pensamentos e conclusões, para o seu próprio estabelecimento de metas, seu próprio mapa de viagem, e a sua própria lista de recursos para esta viagem. Mas antes de escrever a lista de bagagem, devemos difundir o conselho de Jesus, enviando primeiro os doze e logo os setenta discípulos ao mundo: ‘viaje sem muito peso e bagagem’.





### REVELAÇÃO E NARRATIVA

 Rowan Williams realça o contexto histórico da revelação. Cristo nos é revelado nos eventos diários de nossas vidas, gerando novas interpretações do passado e novas possibilidades para o futuro (Williams 2000). A revelação é Trinitária em caráter, porque ela nos leva de volta à Palavra, e nos remete adiante, para a atividade contínua do Espírito. A revelação, por isso, torna-se um convite cheio de graça para engajar-se na narrativa, cujo contexto é toda a história do reino de Deus, através do ponto de partida que somos nós mesmos. Deste modo, se gera novas possibilidades em termos de narrativas de nossas próprias vidas e das nossas instituições.

Cristo está se revelando para nós na experiência do estigma relacionado à AIDS? Se for assim, como? E o que as novas perspectivas e possibilidades de narrativa esta revelação poderia gerar para nós, ou para as nossas igrejas?

## Livros e artigos mencionados no texto

- Ackermann, D, 2001. *Tamar's Cry: Re-reading an Ancient Text in the Midst of an HIV/AIDS Pandemic*. London, Catholic Institute for International Relations
- Alison, J 2001. *Faith Beyond Resentment*. London, Darton, Longman and Todd.
- Bevans, S 1992, 2002. *Models of Contextual Theology*. Maryknoll Orbis
- Bevans, S and Schroeder, R 2004. *Constants in Context: A Theology of Mission for Today*. Maryknoll Orbis
- Castro, A and Farmer, P 2005. *Understanding and Addressing AIDS-Related Stigma: From Anthropological Theory and Clinical Practice in Haiti*. American Journal of Public Health, January 2005
- Das, V, 2001. *Stigma and Global Health*. Keynote address to Stigma and Global Health Conference.
- Deacon, H with Prosalendis, S and Stephney, I 2005. *Understanding HIV/AIDS Stigma: A Theoretical and Methodological Analysis*. Cape Town HSRC Press.
- Douglas, M, 1966. *Purity and Danger*. London and New York, Routledge
- Downing, R 2005. *As They See It: The Development of the African AIDS Discourse*. London, Adonis and Abbey
- Dube, M, 2003. *Africa Praying: A Handbook on HIV/AIDS Sensitive Sermon Guidelines and Liturgy*. Geneva World Council of Churches\*
- FOCCISA-Nordic 2006. *One Body: North-South Reflection on Stigmatization in the Face of HIV and AIDS*. (Publication details from [jbs@ekumenikk.org](mailto:jbs@ekumenikk.org))
- Gebara, Ivone 2002. *Out of the Depths: Women's Experience of Evil and Salvation*. Minneapolis Augsburg Fortress (translation of *Le mal au féminin*, L'Harmattan, Paris, 1999)
- Gonzales, JL 1999, *Christian Thought Revisited: Three Types of Theology*. Maryknoll NY, Orbis
- Magesa, L 2002. *Christian Ethics in Africa*. Nairobi, Acton Publishers
- Mugambe, JNK, 1989. *Christianity and African Culture*. Nairobi, Acton Publishers
- Oduyoye, M, in Njoroge N and Dube, M 2000. *Talitha Cum: Theologies of African Women*. Pietermaritzburg, Cluster Publication
- Pieris, A 1999. *God's Reign for God's Poor: A Return to the Jesus Formula*. Tulana Research Centre, Gonawila–Kelaniya, Sri Lanka.
- Setel, P, 1999. *A Plague of Paradoxes: AIDS, Culture and Demography in Northern Tanzania*. Chicago and London, University of Chicago Press
- Sölle D, 1990. *Thinking About God: An Introduction to Theology*. London SCM Press; Philadelphia, Trinity Press International
- UNAIDS 2005, *A Report of a Theological Workshop Focusing on HIV- and AIDS-related Stigma*. Geneva UNAIDS.\*
- Weiss, MG and Ramakrishna, J 2001. *Research on Reducing Stigma. Address to Stigma and Global Health Conference*. Papers available on [www.stigmaconference.nih.gov/agenda](http://www.stigmaconference.nih.gov/agenda)
- Williams, Rowan 2000. *On Christian Theology*. Oxford Blackwell
- World Council of Churches 2001. *The Ecumenical Response to HIV/AIDS in Africa*. Geneva WCC.\*

*Os itens com asteriscos e outros recursos úteis estão incluídos no CD-ROM Combatendo Estigma e Discriminação (2005), publicados pela Aliança Ecumênica Mundial ([www.e-alliance.ch](http://www.e-alliance.ch)) e a Conferência Mundial de Religiões pela Paz ([www.religionsforpeace.org](http://www.religionsforpeace.org))*

## Sobre o autor

**Gillian Paterson** é escritora, consultora, pesquisadora e teóloga, e está trabalhando no campo da AIDS desde 1995. A sua recente pesquisa se refere à relação entre o estigma relacionado à AIDS e a teologia cristã. Suas publicações incluem Amor em Tempo de AIDS (Genebra WCC-Risk 1996, edição dos EUA Mulheres em Tempo de AIDS Orbis 1997); AIDS e as Igrejas Africanas (Christian Aid 2002); Igreja, AIDS e Estigma (EAA e ONU-AIDS 2003).

Esta publicação sugere uma possível estrutura preliminar para a reflexão teológica sobre AIDS e Estigma em relação à AIDS. Esperamos que a mesma possa ser útil. Mas, também estamos conscientes das limitações de tal estrutura, e de muitas omissões que você encontrará nela. Este papel deveria ser visto, por tanto, como um convite para juntar-se a um processo global de reflexão, que leve a uma publicação mais nova e abrangente, ou mesmo a outras iniciativas. Se você estiver interessado em participar desse processo, ou se você tiver respostas, sugestões, ou idéias para o trabalho futuro, por favor comunique-se com: [beyondthebox@aol.com](mailto:beyondthebox@aol.com).

**Para as comunidades de fé que desejem mais recursos sobre HIV e AIDS, e esforços para superar estigma e discriminação, visite:**  
[www.e-alliance.ch](http://www.e-alliance.ch)

Esta publicação é para distribuição gratuita e não pode ser vendida ou usada com propósitos comerciais. A ampla distribuição desta publicação é estimulada. Seu conteúdo poder ser citado e publicado, e suas páginas podem ser reproduzidas, desde que seja citado adequadamente o autor e os publicadores.

# ESTIGMA EM RELAÇÃO À AIDS

Pensar Fora da Caixa: O Desafio Teológico



**Ecumenical Advocacy  
Alliance**

[www.e-alliance.ch](http://www.e-alliance.ch)



[www.wcc-coe.org](http://www.wcc-coe.org)



Se as igrejas quiserem efetivamente se envolverem com respostas locais, regionais e internacionais à epidemia, então as questões do estigma e da discriminação devem ser confrontadas não somente ao nível de organização e prática da igreja, mas também pela própria teologia cristã: ao nível do que é ensinado nos seminários, do que os teólogos acadêmicos pensam e escrevem, do que os fiéis acreditam e fazem, e dos valores que compõem a formação pastoral do clero e dos leigos.

*Relatório de uma Oficina Teológica que Enfocando sobre HIV e Estigma em Realção à AIDS  
Windhoek Namíbia Dezembro de 2003*



Printed on Recycled Paper